FORMAÇÃO DA UMBANDA

Bibliografia consultada: INICIAÇÃO A UMBANDA, de Dandara e Zeca Liviéro
APOSTILAS DE UMBANDA, de Omolubá TAMBORES DE ANGOLA e ARUANDA, de
Robson Pinheiro MEDIUNISMO e A VIDA ALÉM DA SEPULTURA (Hercilio Maes) e
A MISSÃO DA UMBANDA (Norberto Peixoto), de Ramatis GUARDIÃO DAS SETE
ENCRUZILHADAS – HEMISARÉ A IRA DIVINA, de Rubens Saraceni UMBANDA DE
TODOS NÓS e UMBANDA E O PODER DA MEDIUNIDADE (W.W. da Matta e Silva),
de Mestre Yapacani ENQUANTO DORMES Leni W. Saviscki, Vovó Benta

A ORIGEM DA UMBANDA: 1) A ESCRAVIDÃO

Por volta de 1530 foram introduzidos os primeiros escravos negros no Brasil. Vieram como braços a serviço dos colonizadores portugueses, para substituírem o trabalho de nosso índio, tido como indulgentes e insubmissos. Durante mais de três séculos chegaram inúmeras levas de homens aprisionados em terras africanas. Os historiadores avaliam o seu número em, aproximadamente, dez milhões. O Brasil foi o último País a extinguir oficialmente a chaga da escravidão, porém, não foi o único a se utilizar deste artifício: os EUA foram escravistas durante muito tempo, o que enraizou e fez florescer um forte sentimento racista existente até hoje, a Inglaterra além de vários países europeus também o foram (lembrando que a escravidão negra não foi a única que existiu, já houve escravidão religiosa no período dos faraós onde os judeus foram escravizados durante mais de 1500 anos, assim como durante o período da Segunda Guerra Mundial em que também foram escravizados e até dizimados pelos nazistas, já houve escravidão no oriente, na China, no Tibet e em outros países em épocas distintas).

O tráfico de escravos da África para o Brasil caracterizou-se por uma cruenta tragédia da história humana, só comparável à “Santa” Inquisição. Nesses dois trágicos acontecimentos da vida mundial, a Igreja Católica Apostólica Romana esteve sempre atuante: num caso como cúmplice; noutro como implacável verdugo, encobrendo, com o terror sanguinolento, uma mega rapinagem por toda a Europa.

Foram mais de 5 MILHÕES de africanos desembarcados nas praias brasileiras, durante os anos de 1525 a 1851. Os navios negreiros, também conhecidos por “tumbeiros” ou “túmulos flutuantes”, fizeram o nefando tráfico escravista, numa cruel migração transatlântica. Em carta escrita em 1648, o padre Antonio Vieira afirmava: “*Sem negros não há Pernambuco e sem Angola não há negros*”.

Os escravos eram batizados no porto de origem, ao mesmo tempo em que era gravada uma cruz em cada lado do peito do infeliz, com um ferro em brasa. Diz um texto extraído nos Anais da Câmara Federal, datado de 1827, pertencente, hoje, à Biblioteca em Brasília/DF: “*Lançados aos porões dos navios, alguns morrem de sede e pestilência; alguns são atirados no mar como*

mercadorias deterioradas durante as epidemias e o restante que sobrevive a tantas atrocidades satisfaz a cobiça de nossos mercados de escravos.

Navios superlotados de seres indefesos, magros, sombras cambalentes ... as feições contraídas, seus grandes olhos parecendo que iriam soltar das órbitas a qualquer momento, e, pior que tudo, suas barrigas franzinas, formando um perfeito buraco, com se elas tivessem se desenvolvido no sentido das costas. As provisões para as viagens eram limitadas ... a água, insuficiente; comestíveis mais ainda. Homens, mulheres e crianças eram deitados lado a lado, pernas amarradas; sua única vestimenta constituindo-se de um reduzido pedaço de pano sujo em torno dos quadris (...).

Os escravos trabalham 15 ou 16 horas por dia - escreveu o senador Cristiano Ottoni no ano de 1880 - *Os proprietários dos escravos exigem seu trabalho, serviço e obediência, totalmente amparados por uma complexa estrutura legal e pelo costume oficializado pela doutrina da Igreja Católica".* A punição aos escravos, para que se enquadrassem servilmente ao sórdido esquema social da época era *"de 200 a 300 chicotadas com um chicote de couro de múltiplas correias".* - Tais chicotadas tiveram lugar nas prisões e plantagens até o último dia da escravidão brasileira e fazia parte das Leis.

Os conquistadores repartiram entre si o valioso terreno em capitânicas hereditárias e exportaram milhões de toneladas de ouro, pedra preciosas, madeira, café, açúcar, fumo, etc. à custa do trabalho escravo. Até hoje a Igreja Católica ainda é a quarta proprietária de terras e latifúndios do Brasil, além de inúmeras propriedades dentro das cidades, produto da atividade corsária e colonizadora. Tudo em nome da cruz.

A ORIGEM DA UMBANDA: 2) A ÁFRICA

CONGOS DE BANTOS - Diversas tradições africanas participam da herança multicultural da umbanda. A que veio do antigo reino do Congo é uma das mais importantes. Localizada pelos portugueses em 1482, catequizado e explorado até a sua total destruição política, este reino foi a principal origem dos negros enviados para o Brasil por mais de trezentos anos. A importação de seres humanos provenientes dessa região, que hoje compreende os países Gabão, Zaire, Congo e Angola, ocorreu durante toda a história do tráfico negreiro. (nos mercados de escravos do Rio, do Recife e de São Luís foram vendidos os *Bantos* que procediam do Congo, de Angola e de Moçambique. Dos portos de desembarque passaram a ser distribuídos para os estados vizinhos: São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Pernambuco, Alagoas, Paraíba, Maranhão e Pará). A presença determinante da cultura congala na Umbanda e em outros aspectos importantes da vida nacional é uma consequência lógica da grande quantidade de habitantes que carregam essa descendência. Tal presença se vê na performance ritual – música, dança, transe; na pictografia – pontos riscados, simbolismo das cores, etc; e nos elementos ritualísticos – pomba, plantas, pedras. A tradição congalesa destaca-se também em importantes elementos

filosóficos, como o culto aos mortos, o culto a natureza e o dogma da reencarnação.

É no antigo reino do Congo que encontramos as origens da capoeira, das congadas, do maculelê, entre outros. Entretanto, apesar de influenciar fortemente nossa cultura, apesar de ter o maior contingente de homens escravizados, a maior parte dos estudiosos sequer menciona diretamente esta nação, preferindo referir-se à cultura angolana sem reconhecer sua força e influência. Não se fala de Palmares como uma resistência conga, e quando se pretende homenagear seu lendário líder Zumbi, recorre-se à imagem de um Orixá ioruba, como é o caso do monumento da Praça Onze, no centro do Rio de Janeiro.

Sua baixa estatura e sua propensão a uma atitude, muitas vezes, indolente, fez com que fosse confundido com fragilidade cultural. Passaram a ser discriminados até entre os próprios negros e outras etnias escravizadas. Os que se rebelavam povoaram as florestas brasileiras com seus quilombos. Outros permaneceram nas cidades desenvolvendo estratégias de sobrevivência, como a malícia e as festas e celebrações sincretizadas com o calendário católico – malícia presente no samba e na capoeira.

GEGE, IORUBÁ, NAGO - Já a tradição ioruba é a que os brasileiros melhor compreendem ou, em muitos casos, única que considera relevante. Pierre Verger argumenta que tal predominância deve-se ao fato de este ter sido o último povo africano a chegar em massa ao Brasil, a partir do final do século XVII, o que ocorreu principalmente após 1830, quando a cidade-estado de Oyó foi vencida numa guerra. Trouxeram consigo uma elite de nobres e sacerdotes, príncipes e chefes de estado dispersos em meio à multidão.

Algumas evidências encontradas em escavações entre os anos de 1910 e 1911 demonstram que o apogeu da civilização iorubá floresceu nas cidades de Ifé e Oyó entre os séculos XII e XIV. Manteve-se livre da presença europeia até o começo do século XIX, quando foi arrasada e os negros dessa etnia foram maciçamente escravizados. Quando entraram pela primeira vez nas principais cidades iorubas os europeus se admiraram com o nível de urbanização, a beleza da arquitetura e da estatutária sagrada. Cada cidade era organizada em torno do culto a uma divindade específica, relacionada com algum poder ou força da natureza ou com o passado mítico das dinastias reais. Durante a invasão europeia constatou-se que aquele povo há havia muito desenvolvida a metalurgia, produzindo sofisticadas manufaturas. Seus deuses têm, como principais características a semelhança com paixões humanas, são violentos, guerreiros e tem humor variável. Apresentam grande vitalidade, personalidade extrovertida, sendo uma cultura baseada no expansionismo militar.

A sobrevivência da tradição iorubá só foi possível pelo uso de um artifício de disfarce já utilizada pelos negros Geges vindos do antigo Daomé – atualmente Benin, que antecederam a chegada dos iorubás. Foi com a chegada dos iorubás que fundou-se as primeiras irmandades e confrarias de negros, origem dos primeiros candombés na baianos. Nos terreiros geges-nagos, quando as

imagens dos santos católicos apareciam nas partes externas dos templos, todos os fiéis sabiam que o assentamento da energia estava mesmo é nas pedras sagradas, veladas sob os panos e plantas dos altares escondidos da curiosidade e preconceito – artifício até hoje utilizado, no sincretismo e nas firmezas dos centros.

Ainda que os povos do Congo e do Daomé tenham chegado antes dos iorubás, um dos motivos da ascensão cultural deste último grupo em nossas tradições talvez tenha sido a manutenção do idioma iorubá, onde se encontra codificado grande parte das informações que constituem a identidade cultural e religiosa de um povo. Outra explicação pode ser a de que foram os iorubás que empregaram, com uma sábia diplomacia, a organização multicultural dos terreiros – agrupando em um único templo divindades antes cultuadas separadamente, em diferentes regiões da África, incorporando, por exemplo, a tríade de deuses adorados por seus arqui-inimigos daomeanos: Nana, Obaluae, Oxumare – reservando também um discreto espaço para entidades de ascendência Congo-ameríndia: caboclos, preto-velhos e exus. Com êxito inegável os iorubás conseguiram fazer no Brasil sete de suas divindades serem mais conhecidas: xangô, iemanjá, oxossi, oxum, ogum, lansã e ibeji; sendo estes sete reconhecidos, muitas vezes, com chefes de falanges dentro da Umbanda.

Nos cantos predomina a língua portuguesa. Palavras africanas enxertadas no texto são deformadas e quase irreconhecíveis. Muitas tendas umbandistas admitem várias linhas de divindades, cada linha comandada por um Orixá que se identifica com um santo católico.

O NASCIMENTO DA UMBANDA: 3) OS ÍNDIOS NO BRASIL

Alguns estudiosos acreditam que o culto indígena ao deus Tupã seria uma reminiscência do culto mais antigo do deus Pã, que teria ocorrido na legendária Atlântida, a qual submergiu não se sabe quando, sepultando no oceano a chave para este e outros enigmas da humanidade.

O nome *caboclo*, na prática, é rejeitado por índios e indigenistas por referir-se, pejorativamente, a *índios mansos*, submetidos pacificamente a dominação das elites euro-brasileiras. Caboclos, assim, referia-se aos índios recém catequisados e convertidos.

A pajelança, como hoje é conhecido o ritual indígena, guarda em sua ancestralidade o culto aos antepassados, procedimentos *mágicos* para influir na vida das pessoas e no mundo físico através das almas de plantas e animais. Além disso, rituais para agradar os mortos, evitando que os homens brancos viessem perturbar suas cidades, também eram utilizados. Bebidas e fumos foram utilizados para expandir a consciência. Seu mundo mítico era um universo em que espíritos de humanos, animais e divindades coexistiam em harmonia, tudo isso utilizando-se do largo conhecimento de ervas, fumos e rituais energéticos milenares para curar e trazer saúde.

O Catimbó é outro herdeiro da Pajelança. Neste, cultua-se entidades chamados *mestres*. Na união da catequese com a pajelança formou-se o culto dos Caboclos Encantados, presente ainda hoje em Pernambuco, e no sincretismo deste com o ritual dos negros Bantus – que procediam do Congo e já cultuavam os antepassados – surgiu o Catimbó, de onde conhecemos o mestre Zé Pilintra, mestre curador e *médico dos pobres* como era conhecido originalmente. Os congoleses encontraram na pajelança e o catimbó cerimônias semelhantes a de seus antepassados africanos, disseminando-a com o nome de Tambor de Minas, o Babaçuê e o Candomblé de Caboclo na Bahia. Em 1911, nas primeiras manifestações desta entidade, já era conhecido em Pernambuco pelo nome de Mestre Zé Pilintra, notadamente no bairro de Casa Amarela, reduto do Catimbó até 1925, na mesma cidade. Em todos estes cultos, originários dos negros Bantus Congolese a proposta original era eminentemente de natureza espiritual e curadora.

Os primeiros índios do Brasil viviam em regime de comunidade. A divisão das tarefas do dia-a-dia era por sexo e por idade e todos ajudavam. Os ensinamentos, as práticas, histórias, invocação dos espíritos, cantos e danças eram transmitidos de geração para geração.

Os chefes das tribos eram os mais velhos, e eram eles que resolviam problemas como doenças, mortes, desavenças na família e na tribo, atrito entre as tribos vizinhas, guerras e paz. Cada tribo tinha seus próprios costumes seu jeito de viver, de morrer, de construir a aldeia, de governar. A terra não era de um só e sim de todos que nela viviam, não havia demarcações nem comércio.

Alguns povos foram descobertos pela FUNAI e conseguiram reconstituir sua própria sociedade. Os índios que hoje vivem no país não falam apenas o tupi-guarani — tronco lingüístico que abrange 30 nações indígenas — mas cerca de 170 línguas diferentes, como o Português.

Os primeiros portugueses que chegaram ao Brasil, mantiveram um contato amistoso com os índios, pois precisavam deles para trabalhar na extração do pau-brasil e para defender o litoral dos contrabandistas, principalmente franceses. Mas, com o aumento do número de portugueses, as relações do branco com o índio foram se tornando críticas, os índios reagiram porque os portugueses roubavam-lhes as terras, atacavam suas mulheres, tiravam-lhes a liberdade e transmitiam-lhes doenças, algumas vezes causando a morte de todos os habitantes de uma aldeia. Apesar da resistência, milhares de índios foram escravizados no período colonial pelos portugueses, que usavam armas de fogo para dominar as populações indígenas. Nessa época, os portugueses escravizaram os índios para forçá-los a trabalhar na lavoura canavieira e na coleta de cacau nativo, baunilha, guaraná, pimenta, cravo, castanha-do-pará e madeiras, entre outras atividades.

A cachaça substitui as bebidas fermentadas que os índios utilizavam durante as suas festas e cerimônias, como por exemplo, o “cauí” (bebida fermentada) dos tupinambás. Igualmente o uso do charuto, para fazer fumaça, defumar e “limpar” o ambiente é sobrevivência de um antigo costume tupi.

O NASCIMENTO DA UMBANDA: 4) PELO MUNDO ESPIRITUAL

DO LIVRO “TAMBORES DE ANGOLA” autorizado pela FEB

“... desde que os negros foram tirados de sua terra na África, vieram para o Brasil com o rancor e o ódio em seus corações, pois muitos foram enganados pelo homem branco e feitos prisioneiros e escravos feridos em sua dignidade, distante da pátria e dos que amavam. Foram transcorrendo os anos de lutas e dores, e o negro mantinha, em seus costumes e na religião, a invocação das forças da natureza, as quais chamavam de orixás, espécies de deuses a quem cultuavam com todo o fervor de suas vidas. Aprenderam com o tempo a se vingar de seus senhores e déspotas, através de pactos com entidades perversas e com as energias magnéticas empregadas de forma equivocada. Dessa maneira, o culto inicial aos orixás foi-se transformando em métodos de vingança, em pactos com entidades trevosas, que assumiam o papel dessas forças da natureza ou orixás, disseminando o que se chamava de Candomblé, que na época era um disfarce para uma série de atividades menos dignas no campo da magia”. (até aqui o autor fala da deformação causada ao candomblé pelos escravos revoltados, nada a ver com os cultos originais africanos)

Com o tempo foi-se formando uma atmosfera psíquica indesejável no campo áureo do Brasil, que havia sido destinado a ser a pátria do Evangelho redivivo, onde estava sendo transplantada a árvore abençoada do Cristianismo pelas bases eternas do Espiritismo. A psicofera criada no ambiente espiritual da nação foi de tal maneira violenta que entidades ligadas aos lugares de sofrimento nas senzalas encarnavam e desencarnavam conservando o ódio nos corações, com exceção daquelas que entendiam o aspecto espiritual da vida. Assim, a magia negra foi se espalhando em forma de culto pelas terras brasileiras. Do norte ao sul do país, as oferendas, os despachos ou os ebós eram oferecidos pelos pais-de-santo, pelos mestres do catimbó ou de outros cultos que proliferavam a cada dia, criando uma crosta mental sobre os céus da nação.

Nos planos etéreos da vida, reuniram-se, então, entidades de alta hierarquia como o objetivo de encontrar uma solução para desfazer a egrégora negativa que se formava na psicofera do Brasil. A magia negra deveria ser combatida, e seus efeitos destrutivos haveriam de ser desmanchados de maneira a transformar os próprios centros de atividades dos cultos degradantes em lugares que irradiassem o amor e a caridade, única forma de se modificar o panorama sombrio. Havia necessidade de que espíritos esclarecidos se manifestassem para realizar tal cometimento. E, assim, forma se apresentando, uma a uma, aquelas entidades iluminadas que haveriam de modificar suas formas perispirituais, assumindo a conformação de pretos velhos e caboclos, e levariam a mensagem de caridade através da Umbanda, cujo objetivo inicial seria o de desfazer a carga negativa que se abatia sobre os corações dos homens no Brasil. A Umbanda seria o elo de ligação com o alto, penetraria aos poucos nos redutos de magia negra ou nos terreiros de Candomblé, os quais ainda se mantinham enganados quanto às leis de amor e caridade, e iria

transformando, com as palavras de um preto-velho ou as advertências de um caboclo, os sentimentos das pessoas. E para isso, meu amigo, era necessário que elevados companheiros da Vida Maior renunciassem a certos métodos de trabalho considerados mais elevados e se dedicassem às atividades que a Umbanda se propunha. A esses companheiros de elevada hierarquia espiritual juntaram-se espíritos de antigos escravos e índios (...).”

O NASCIMENTO DA UMBANDA: 5) ZELIO FERNANDINO

Zélio Fernandino de Moraes, nascido no dia 10 de abril de 1892, no distrito de Neves, no Município de São Gonçalo / Rio de Janeiro, se preparava para ingressar na Escola Naval logo após terminar o ensino médio, quando fatos estranhos começaram a ocorrer.

Como a freqüência e a intensidade dessas manifestações foram aumentando sua família recorreu ao médico Dr. Epaminondas de Moraes, diretor do Hospício de Vargem Grande, que era tio de Zélio. Durante dias o médico o examinou e disse à família que a “loucura” não se enquadrava em nada que ele havia conhecido, e sugeriu que o encaminhassem a um padre, acreditando que o jovem estava “endemoniado”. Havia um padre na família de Zélio, que também era seu tio, e ele realizou três exorcismos com a participação de outros sacerdotes católicos, mas as manifestações prosseguiram. Por um período longo Zélio foi tomado por uma paralisia parcial, que fugia ao entendimento dos médicos. Um dia, levantou-se de seu leito e disse: “Amanhã estarei curado”. No dia seguinte, andou como se nada tivesse acontecido. A família passou a recorrer a tudo que garantisse a “melhora” do jovem, quando um amigo sugeriu que aquilo era coisa de espiritismo.

O jovem Zélio foi então encaminhado à recém-fundada Federação Kardecista de Niterói quando estava tendo um das incorporações involuntárias. Lá chegando, o Sr. José de Souza, médium vidente, que na época presidia a Federação, perguntou “o que é você?”, no que a entidade respondeu ser apenas um caboclo brasileiro. Quando indagado sobre como poderia ser um índio se o que ele via eram roupas de um padre a entidade manifestada afirmou que os restos das vestimentas que o médium via nele eram de uma existência anterior. Dizia ter sido um padre, Gabriel Malagrida, e que, acusado de bruxaria fora sacrificado na fogueira da Inquisição por haver previsto o terremoto que destruiu Lisboa em 1755, mas que em sua última existência física Deus concedeu-lhe o privilégio de nascer como um caboclo brasileiro. Quando o Senhor José de Souza perguntou seu nome, a entidade respondeu que, se fosse preciso que ele tivesse um nome, que lhe chamassem de Caboclo Sete Encruzilhadas. Nesse momento o presidente espírita disse à entidade que ali não era lugar para aquele tipo de manifestação pedindo em seguida que a entidade fosse encaminhada. A entidade se indignou e explicou: *“Deus, em Sua infinita bondade, estabeleceu na morte o grande nivelador universal: rico ou pobre, poderoso ou humilde, todos se tornariam iguais na morte. Mas vocês, homens preconceituosos, não contentes, estabelecem diferenças até mesmo além da barreira da morte. Por que não podem nos visitar esses humildes trabalhadores*

do espaço se, apesar de não haverem sido pessoas importantes na terra, também trazem importantes mensagens do além? Por que o “não” aos Caboclos e Pretos-Velhos? Acaso não foram também filhos de Deus?”

" Se julgam atrasados os espíritos de pretos e índios, devo dizer que amanhã (15 de novembro) estarei na casa de meu aparelho, para dar início a um culto em que estes irmãos poderão dar suas mensagens e, assim, cumprir missão que o Plano Espiritual lhes confiou. Será uma religião que falará aos humildes, simbolizando a igualdade que deve existir entre todos os irmãos, encarnados e desencarnados. E se querem saber meu nome, que seja este: Caboclo das Sete Encruzilhadas, porque para mim não haverá caminhos fechados. O vidente retrucou: *Julga o irmão que alguém irá assistir a seu culto?* perguntou com ironia. E o espírito já identificado disse: *cada colina de Niterói atuará como porta-voz, anunciando o culto que amanhã iniciarei*".

No dia seguinte, na casa da família Moraes, na rua Floriano Peixoto, número 30, ao se aproximar à hora marcada, 20:00 h, lá já estavam reunidos os membros da Federação Espírita para comprovarem a veracidade do que fora declarado na véspera; estavam os parentes mais próximos, amigos, vizinhos e, do lado de fora, uma multidão de desconhecidos. Às 20:00 h, manifestou-se o Caboclo das Sete Encruzilhadas. Declarou que *naquele momento se iniciava um novo culto, em que os espíritos de velhos africanos que haviam servido como escravos e não encontravam campo de atuação nos remanescentes das seitas negras, já deturpadas e dirigidas em sua totalidade para os trabalhos de feitiçaria; e os índios nativos de nossa terra, poderiam trabalhar em benefício de seus irmãos encarnados, qualquer que fosse a cor, a raça, o credo e a condição social. A prática da caridade, no sentido do amor fraterno, seria a característica principal deste culto, que teria por base o Evangelho de Jesus.*

Disse ainda que *na casa de Zélio haveria uma mesa posta a toda e qualquer entidade que quisesse ou precisasse se manifestar, independente do que tivesse sido em vida. Todos seriam ouvidos, e todos aprenderiam com aqueles espíritos que soubessem mais, e ensinariam aqueles soubessem menos e a nenhum virariam as costas e nem diriam não, pois esta era a vontade do Pai.* A tenda foi nomeada Tenda Nossa Senhora da Piedade, inspirada na forma como Maria ampara nos braços o filho querido. Sendo assim, todos que acorrerem à Umbanda, serão amparados. O caboclo justificou assim a denominação da tenda: *“Igreja, Templo ou Loja, dão um aspecto de superioridade, enquanto que Tenda, lembra uma casa humilde”.*

Caboclo Sete Encruzilhadas incorporou e iniciou seu culto com as seguintes palavras: ***“Vim para fundar a Umbanda no Brasil. Aqui se inicia um novo culto, em que os espíritos de pretos-velhos africanos e índios nativos de nossa terra poderão trabalhar em benefício dos seus irmãos encarnados, qualquer que seja a cor, raça, credo ou posição social. A prática da caridade no sentido do amor fraterno será a característica principal desse culto”.***

Logo nos primeiros dias de fundação outras entidades se apresentaram. O primeiro preto-velho presente foi Pai Antonio. Logo que chegou o Preto-Velho Pai Antônio se sentiu pouco à vontade, permanecendo curvado, e não se sentou, o que despertou a compaixão e solidariedade dos presentes, que questionaram porque ele não se sentava à mesa, no que ele respondeu: *“Negro num senta não, meu sinhô. Negro fica aqui mesmo. Isso é coisa de sinhô branco, i negro deve arrespeitá. Num carece preocupa não, negro fica nu toco, que é lugá di negro”*.

A SANTÍSSIMA TRINDADE NA UMBANDA: A ORIGEM DE PRETO-VELHO, CABOCLO E EXU

PRETO VELHO	VIDA	ONTEM	ESPIRITUALIDADE	MENTE
CABOCLO	FAMÍLIA	HOJE	VIVÊNCIA	VERBO
EXU	CAMINHO	AMANHÃ	REALIZAÇÃO	AÇÃO